Recebido: 07 de julho de 2024 | Aceito: 27 de setembro de 2024

A COMUNICAÇÃO. MITOLOGIA NOS MUSEUS. PROBLEMATIZAÇÃO.

Filomena Barata[1]

Resumo

A Mitologia é uma fonte de comunicação de excelência. Para o seu entendimento é necessário procurar a génese dos mitos.

Palavras-chave

Mitologia; Comunicação.

[1]Doutoranda em História/Museologia. Universidade de Évora. CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. Centro de Estudos Clássicos. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: barata.filomena@gmail.com

Abstract

Mythology is a source of communication of excellence. To understand it, it's necessary to look for the genesis of myths.

Keywords

Mythology; communication.



Imagem 01: Pormenor do friso de sarcófago dos filósofos e das Musas. Convento de Chelas. Lisboa. MNA: Museu Nacional de Arqueologia. Inv.: 994.21.1. Século III d.C. Fotografia: José Pessoa.

Introdução

A maior das motivações da tese que nos propusemos elaborar em torno de "**A Comunicação nos Museus. Mitologia nos Museus**" foi, sem dúvida, o facto de considerar que "contar e ouvir histórias" é das coisas mais enriquecedoras da nossa vida. O fenómeno não é novo.

Por outro lado, ao refletir a comunicação através dos grandes mitos da Antiguidade Clássica, não foi indiferente o facto de, direta ou indiretamente, continuarem ligados à nossa vida, às nossas emoções e reflexões, às nossas crenças, sim a elas, e às nossas expressões culturais: à Música, às Artes Cénicas, à Pintura, a Escultura, à Arquitetura, à Literatura e ao Cinema.

Podemos afirmar, sem lugar a dúvidas, que o Mito reside em nós, para além do tempo da sua origem, que não se consegue, pese as inúmeras análises em torno do tema, descortinar.

O ato de contar histórias é tão antigo quanto o próprio homem, sobrevivendo à passagem do tempo. "A narrativa é um dos pilares da humanidade. As histórias ligam os grupos, mas refletem as preocupações

do seu quotidiano" (Gonçalves, 2014: 13). Efetivamente, o Homem sempre precisou de narrativas para organizar o caos.

São essas narrativas tantas vezes as bases das sociedades, que em seu torno se congregam, funcionando como garantes da preservação da memória, de que Mnemosine é guardiã, pois tem a memória dos começos, filha que era da Terra e do Céu.

Mas afinal porque nos continua a acompanhar o mito e, ao mesmo tempo, a confrontar-nos?

Ainda antes de tentar responder a essa questão que será desenvolvida na tese em elaboração, foi necessário fazer um longo périplo sobre a história do próprio mito. Porque, na sua origem reside, do nosso ponto de vista, a sua permanência. Sobretudo tendo em conta que os mitos são elementos fundamentais de comunicação e de sociabilidade.

O Mito não é apenas uma complexa rede de "relatos tradicionais" que adquire relevância a partir da sua conexão com os ritos sagrados", (Burkert, 2007: 15), nem uma narrativa individual, mas uma história tradicional, partilhada publicamente e em contextos específicos, que pertence à memória de uma comunidade, na qual se reconhece: o mito está ancorado numa temporalidade e num espaço específicos e participa da sociedade, da cultura, da religião, da política. (Pantel, 2019: 21-28).

Mito significa em grego "palavra", podemos "chamar-lhe palavra da imaginação, da fantasia, em contraposição com o logos que é a palavra da razão, da inteligência (…) (Antunes, 2011: 16) . Ou "uma narrativa simbólica constitutiva de uma mentalidade e, particularmente, do seu credo teológico, filosófico e científico" (Durand, 1998: 42). Poder-se-ia afirmar que se trata de "contos relevantes para a sociedade envolvendo deuses ou heróis como protagonistas" (Bremmer, 2009: 684).

O longo Caminho dos Mitos

Por não conseguimos abeirar-nos facilmente neste trabalho das características que teria antes da escrita, iniciaremos pela *Teogonia* de Hesíodo, a única das narrativas das origens que nos chegou completa, ou cosmogonia[2] - entendida como repertório de mitos que nos remete para

[2] Lembremos que Homero considerava o titã Oceano, descendente de Gaia, a real origem dos outros deuses (*Ilíada* 14.200 e 246).

tempos imemoriais, ou o "nacimento da ordem do mundo (…) e da organização do espaço e do tempo" em que se inscreve também a religião, o espaço e o nascimento ordenado e sucessivo de todos os diferentes deuses". (Berbabé, 2008: 13, 15).

A *Teogonia* refere "O que primeiro existiu foi o Caos; e logo a seguir a Terra de seio fecundo, eterna e segura mansão de todos" partindo de uma natureza inerte, numa longa travessia até à negra Noite e ao Dia, concebendo, de permeio, Eros "o mais belo entre os deuses imortais". Nela a ideia de Caos é o vazio primordial. E segue-se a Terra "de seio fecundo, eterna e segura mansão de todos os imortais" e o céu "coberto de estrelas".

Embora existam outras "cosmogonias", a exemplo da que nos é apresentada por Aristófanes (*Nuvens* 424, 627 e Parábase, *Aves*)), nenhuma é tão completa como a que Hesíodo nos apresenta.

Mas vale a pena fixarmo-nos um pouco em Aristófanes que introduz, provavelmente influenciado por outras mitologias, no mundo grego, curiosos elementos em relação à versão de Hesíodo: a ideia de uma ser andrógino[3] – Eros - e de um ovo cósmico matricial. As aves situar-se-iam entre os seres primordiais.: "No princípio existia o Caos, a Noite, o negro Érebo e o vasto Tártaro. A Terra, o ar e o céu não existiam ainda. Finalmente a Noite de negras asas gerou no seio infinito do Érebo, um ovo sem germe, donde nasceu o Amor, após uma longa revolução de anos. Nas suas espáduas brilham duas asas de ouro e a sua velocidade iguala a dos ventos. O Amor, unindo-se às trevas do Caos alado, engendrou a nossa raça [as aves] no seio do vasto Tártaro e deu-a à luz. Antes de o Amor misturar tudo, ainda não existia a raça dos imortais; mas quando se efectuou a mistura de todas as coisas, apareceu o Céu, o Oceano. A Terra e a raça imortal dos deuses. Somos filhos do Amor e há milhares de provas que o atestam. Voamos como eles, e gostamos de viver com os amantes". (Aristófanes. *As Aves*. 58)

Já no século I a. C., Higino apresentar-nos-á o Oceano como filho de Éter e da Terra. Em Ovídio encontraremos, mais tarde, a ideia de que o caos era um estado de desordem, em que a massa primordial não tem uma forma duradoura, ou seja, em que todas as coisas se desfazem incessantemente no informe.

[3] Apresentado no *Banquete*, de Platão, Aristófanes diz que Eros, o primeiro dos deuses, tinha ambos os sexos.

O Mito, nas suas origens, para se perpetuar, cria em si mesmo a poesia com que as Musas inspiraram os *aedos*, os seus cantos e vozes, que chegaram até nós. Eram os "inspirados" aedos que perpectuavam a memória numa sociedade em que a palavra tinha uma importância fundamental. Assim cantavam um repertório composto de lendas e tradições populares ao som de instrumentos musicais. Homero teria sido um desses *aedos*.

E, é um facto, que desde os *Hinos Homéricos*, cantados em cerimónias, às duas epopeias atribuídas a Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, ditas pelos *aedos*, centradas na guerra de Troia e no regresso de Ulisses a Ítaca, depois da guerra, até Plutarco, em muitas das suas obras, (46 d.C. - 120 d.C.), e Salústio, no século IV d.C., preocupado, já em época tardia, em compreender a verdade por detrás dos mitos, somos confrontados com uma miríade de narrativas mitológicas e de reflexões sobre as mesmas.

Depois de Homero, muitos outros mitógrafos se encarregarão de fixar os mitos, compondo mesmo recolhas, a exemplo de Paléfato, no século V, que nos dá a conhecer as suas várias versões, e nos faz equacionar a racionalidade das narrativas (Pena, 2010: 15).

É, pois, demasiado longo o caminho dos Mitos, a sua complexidade e longevidade.

Não esqueçamos que é, apenas em 356, que o imperador Constâncio II nega o acesso aos templos pagãos e, em 393 d. C., ao tempo de Teodósio, que são proibidos todos os cultos pagãos. Mas ainda se assistirá à tentativa da reabilitação ao tempo do imperador Juliano, o Apóstata, no século IV, que tentou restaurar as antigas práticas religiosas romanas, entrando em conflito com o cristianismo ascendente, altura em Salústio escreve a sua obra *Sobre os Deuses e o Cosmos*.

Múltiplas foram as reflexões e análises, desde a Antiguidade, que se dedicam à importância ou irrelevância do mito, designadamente com o desenvolvimento da Filosofia, em torno do novo conceito de *logos*.

A palavra *mythos* é empregue desde Homero (século IX a. C.) e o seu sentido vai variando ao longo do tempo.

Heródoto (c. 484 a.C. - c. 426 a.C.) o "pai da História", utiliza o termo *mythos* para designar uma narrativa que aos seus olhos não é verídica, tendência que, de algum modo é seguida por Tucídides que define o *mythodes* como algo que não pode ser comprovado, imprevisível, passando a designar um discurso insólito ou enganoso (Pantel, 2029: 263-264). Datam dos Sofistas as primeiras grandes reflexões em torno da interpretação dos

mitos, mas, embora tivessem inaugurado uma visão filosófica, nem em todos os filósofos se verificará uma ruptura em relação ao mito.

Platão (427-8 /348-7) herda dos sofistas uma certa forma de afastamento ou questionamento em relação ao pensamento mitológico, assumindo a insuficiência das narrativas mítico-religiosas para explicar a origem do universo. Trata o Mito na sua feição alegórica, questionando o caráter não verificável das narrativas de Homero e de Hesíodo (Pantel, 2029: 265). Não obstante, Platão socorre-se amiúde dos mitos para explicar aquelas realidades mais profundas que não se conseguem alcançar mediante o mero discorrer lógico (Olmos, 1985: 6), assumindo uma "visão utilitarista do mito", integrando-o nos elementos que poderão dar coesão social, representando a memória (Torrano, 1998: 19).

Antes de Platão já Heráclito (c. 500 a.C.- 450 a.C.) considerava as divindades mitológicas como questionáveis, embora não negasse a existência do divino, que, a seu ver, deveria ser mais conciso, unificado, e menos humano - ou seja, assumia uma certa recusa da ideia dos deuses antropomorfizados da tradição mitológica grega. Com Heráclito o ser humano conquista uma posição como ser cósmico. Quer Heráclito quer Xenófanes criticavam os mitos, em que aos deuses eram atribuídas as ações mais vergonhosas, sem que merecessem a devida crítica.

Píndaro (518-438), poeta que viveu na Beócia, é uma das fontes fundamentais para conhecer os mitos gregos. As suas *Odes* (Olímpicas; Píticas; Ístmicas e Nemeias) foram marcantes para a Cultura Helénica. Estas composições triunfais serviam não só para enaltecer as condições atléticas dos vencedores, como eram uma forma de exaltar os ideais gregos de beleza, equilíbrio e força física, afinal o "homem perfeito", que se transcende a uma dimensão quase divina.

Píndaro vive numa época de particular afirmação dos mitos e de exaltação das tradições helénicas face à ameaça persa, correspondendo ao Período Clássico, que verá surgir os grandes trágicos Ésquilo, Sófocles e Eurípides, entre outros, bem como uma iconografia mitológica pujante, a "dade de Ouro", que faz quase desaparecer as representações da vida quotidiana. (Barba, 2008: 21-22).

Lembremos as palavras de Tirésias, que refletem o pensamento de Eurípides, nas *Bacantes* "É inútil sofismarmos sobre as divindades. Nenhum argumento abaterá as tradições dos nossos pais, que eles nos deixaram em herança, por muitas subtilezas que descubram as mais profundas inteligências" (Eurípides, ed. s/d: 25)

O século IV a. C. assistirá ao triunfo da filosofia, ultrapassado, de algum modo, o pensamento incrédulo dos sofistas de finais do século anterior.

Protágoras (490 a.C. - c. 415 a. C) já tinha avançado consideravelmente no que respeita ao afastamento do pensamento mitológico para o *logos*, ao ponto de afirmar "sobre os deuses eu não posso saber nada", sendo a obscuridade do assunto e a brevidade da vida obstáculos intransponíveis, pouco ou nada resta para acrescentar e desenvolver (Almeida, 2015: 181). Foi um dos vários pensadores gregos do século V coletivamente conhecidos como Sofistas, que foi acusado de ateísmo, e defendia que "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são", considerando que as religiões e os deuses eram convenções humanas.

Poderíamos encontrar em Tales de Mileto, que se dedicou às áreas da matemática, filosofia e astronomia, no século VI, uma forma diversa de encarar a origem do mundo, ou seja, de algum modo concebendo uma "cosmogonia filosófica" (Bernabé, 2008: 24), procurando a sua explicação não no mundo sobrenatural, mas sim no natural. Questionava, desse modo, a explicação que Hesíodo procurara na sua *Teogonia*, tentando encontrar no elemento água a origem de tudo o que era vivo, ou seja, a essência de todas as coisas, e acreditava que a terra flutuava sobre a água como uma espécie de prato.

Pitágoras (570 a.C. - 497 a.C.) afirma que os números foram os principais elementos do seu estudo e reflexão. Por sua vez, Demócrito (520-440 a.C.), propunha a origem de tudo a partir do choque de partículas indivisíveis (átomos), e portanto, tudo era matéria: homens, deuses e até mesmo a alma.

Platão (428/427-348/347 a.C.) considerava poder utilizar-se o mito com fins pedagógicos, pelo que se serve de uma versão própria do Mito de Epimeteu e Prometeu. Confere-lhes a incumbência de dotar os humanos das qualidades necessárias à sobrevivência, de forma que nenhuma espécie aniquilasse a outra, sendo Epimeteu responsável pela distribuição das qualidades e Prometeu pela revisão final do trabalho (Platão, *Prot*. 320 e).

Pese todas as questões levantadas sobre a veracidade dos Mitos, colocando as mesmas dúvidas na boca de Sócrates, Platão considera, não obstante, que a investigação filosófica necessita do mito, e reconhece o poder que as histórias exercem na formação das crianças, desde que devidamente selecionadas. Contudo, na *República* de Platão, assistimos a uma crítica

violenta das histórias que geralmente as amas e as mães contavam às crianças (Pereira, 2014: 22).

Platão apresenta o mito como uma mensagem que uma determinada comunidade transmite, de geração em geração, conservada na memória, mas de que ele se distancia, por ser longínqua e não lhe poder aferir a veracidade. Os mitos em Platão apresentam personagens cujas imagens são pontos de partida para uma série de reflexões éticas, políticas, a que recorre sobre as mais diversificadas formas, ora como contos, ora como relato verdadeiro.

Considera-se assim que o mito começa a ser modificado, adaptado, "racionalizado" pela filosofia platónica, desempenhando um papel complementar no que respeita ao processo paidêutico, educativo, ético e político na formação do cidadão, estreitando a relação entre o mito e a razão, a narrativa e a argumentação na filosofia. (Véras, 2018: 33, 36).

Atentemos a este diálogo entre Gláucon e Sócrates, veiculado pela *República* de Platão:

> - Ora pois, havemos de consentir sem mais que as crianças escutem fábulas fabricadas ao acaso por quem calhar, e recolham na sua alma opiniões na sua maior parte contrárias às que, quando crescerem, entendemos que deverão ter?
> - Não consentiremos de maneira nenhuma.
> - Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e seleccionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as amas e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com as mãos. Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se
> - Quais?
> - Pelas fábulas maiores avaliaremos das mais pequenas. Pois é forçoso que a matriz seja a mesma e grandes e pequenas tenham o mesmo poder. Ou não achas?
> - Acho. Mas não entendo quais são essas maiores que dizes.
> - As que nos contaram Hesíodo e Homero – esses dois e os restantes poetas. Efectivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas falsas que contaram e continuam a contar. (*República*. Livro II. 377 b.c.d.)

Por seu lado, em Aristóteles, na sua *Poética*, *Mythos* remete-nos genericamente a "enredo", ou seja, uma história organizada, excetuando-se alguns momentos em que a palavra assume o sentido de "história" ou

"história tradicional". Afinal, o mito é a alma da tragédia (Torrano, 2017: 64)[4]

Lembremos que, no século V, a cultura de Atenas era rica em festivais e competições musicais. Surgem, assim, os concursos trágicos em ambiente urbano, que duravam três dias. Cada dia um poeta apresenta três tragédias e um drama satírico, assistindo-se, assim, à pujança das representações teatrais que consagrava os poetas vencedores, escolhidos por um júri. Exalta-se assim o teatro e todas as atividades em seu torno.

Não nos poderíamos, pois, omitir a importância dos mitógrafos do século V a. C., de Ésquilo, marcando o início da tragédia como a conhecemos, nem dos poetas helenísticos. Contudo, por não ser esse o tema desta tese, apenas nos deteremos nos que considerámos marcos importantes para a nossa abordagem específica do tema, os que de mais perto nos acompanharam na tentativa de melhor conhecer olongo caminho dos mitos.

O período clássico grego, atravessado pelo já pensamento filosófico, será, do ponto de vista iconográfico "A Idade de Ouro" da época clássica, a era do Pártenon, e quando se elaboram os princípios estéticos do classicismo com os escritos teóricos de Policleto e a prática de diversos escultores e a célebre cerâmica de "figuras vermelhas" enche-se de deuses e de narrativas heroicas. No século IV a. C. os vasos mantêm a iconografia mitológica que se vai centrando em alguns temas, como o séquito de Dioniso ou nos mitos mais representados no teatro. (Barba, 2008: 22).

Com o Helenismo surgem novas correntes filosóficas, a exemplo do evemerismo, que defendia que os deuses não são mais do que antigos reis e humanos divinizados. Evémero (c. 300 a.C.), propõe, assim, uma teoria, que teve bastante adesão, segundo a qual os deuses não são mais do que antigos reis divinizados pelos homens, fruto da importância que para eles assumiram. Era uma forma de justificar a divinização dos monarcas, que começava a expandir-se. O mito deixou de ser uma realidade para passar a ser a alegoria ou a fábula que a transmissão oral popular edificou (Semião, 2004: 64).

[4] Torrano (2017: 64) considera que a "tragédia surge no final do século VI e que o seu desenvolvimento coincide com o esplendor de Atenas. O comediógrafo Aristófanes e o filósofo Platão atribuíam à tragédia tão influente poder na formação dos cidadãos, que não erraríamos se reconhecêssemos em parte à tragédia a influência inspiradora e configuradora da grandeza intelectual, política e militar de Atenas."

Contudo, vai manter-se um grande interesse pela Mitologia entre os poetas, de que destacamos as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (c. 295 a.C. - 215 a.C.), que dirigiu a Biblioteca de Alexandria.

As *Vidas Paralelas* de Plutarco (46 d.C. - 46 d.C. , de origem grega, mas que desempenhou um papel político importante como magistrado, são, essencialmente, um conjunto de biografias de personagens lendárias e histórias, colocadas em paralelo, em que Plutarco apresentava uma figura grega (como Teseu) e uma figura romana (como Rómulo), a que se seguia uma comparação entre ambas. São opostos Licurgo a Numa Pompílio, Péricles a Fábio Máximo, ou até Alexandre Magno a Júlio César, entre muitos outros. Na sua obra *De Ísis e Osíris*, introduz-nos a divindades de origem oriental, falando-nos do sincretismo com algumas conhecidas no mundo grego. Destacaremos Ísis, com forte representação no século II, como se confirma em Pompeios, e que se expande por todo o Império até em território atualmente português, a exemplo do Santuário de Panóias, viabilizando o sincretismo em torno de deusas de origem itálica (Cravinho, 2023: 42). Osíris terá também no Santuário de Panóias, Vila Real, através de uma forma sincrética – Serápis – igual representação.

> E logo que Osíris começou a reinar sobre os egípcios, ele os livrou de uma vida sem recursos e selvagem, mostrou-lhes os frutos, instituiu leis e os ensinou a honrar os deuses; mais tarde, percorreu toda a terra para torná-la habitável; poucas vezes necessitou das armas, persuadia e arrastava a maioria enfeitiçada por sua palavra acompanhada de todo tipo de canto e de música. Por isso, os helenos acham que ele é o mesmo que Dioniso. (Plutaco. *De Ísis e Osíris*. 9)

Diodoro da Sicília, ou Sículo, natural de Agírio na Sicília que viveu no século I a.C., foi autor da *Biblioteca Histórica* foi também marcante para este trabalho. Os seis primeiros livros são dedicados aos acontecimentos anteriores à guerra de Troia. Quer o Livro III, quer o livro IV incluem narrativas mitológicas bastante diversas, dedicadas a deuses e heróis. Tratará, assim, Dioniso, assumindo que vários "povos bárbaros" disputavam o nascimento do deus, designadamente os Egípcios que o adoravam sob a forma de Osíris (Liv. IV 6), Héracles, Teseu, os Sete contra Tebas, os Lápidas e os Centauros, Asclépio e ainda Pélops, Tântalo, Dédalo e Minos.

É recorrente afirmar-se que Roma havia entrado em contacto literário com as lendas e mitos gregos desde o escritor de provável origem grega Lívio Andrónico (c. 284 a.C. - c. 200 a.C.) que, desempenhando o seu papel de pedagogo, traduziu a *Odisseia* de Homero para latim, cerca de 250 a.C.

O século I d.C. assiste a uma particular apetência pelos temas mitológicos e astrais, que são reconhecidos na literatura, quer em todos os aspetos da vida, motivo pelo é recorrente encontrar objetos arqueológicos decorativos e de uso cotidiano com a representação dessa temática, seja em numismas ou lucernas, algo que não se pode desvalorizar, pois têm um consumo e circulação assinalável, sendo, por isso mesmo, usado também como propaganda.

Cícero, afastando-se da superstição e da "crendice" advogara, numa República em decadência, a religião tradicional, questionando-se sobre o papel das divindades, numa das suas obras magistrais *De natura Deorurn/Da Natureza dos Deuses*,

Mas a Mitologia permanece, mesmo com novos atores ou expressões. Na época de Augusto afirma-se a *Eneida* de Vergílio, não esquecendo as *Geórgicas* e *Bucólicas* que também nos acompanharão ao longo da tese que nos propusemos elaborar.

Embora a Religião Romana seja fortemente ritualizada, seguindo a celebração dos serviços religiosos - *sacra* e *caerimoniae* – onde os sacerdotes desempenham um papel fundamental (Barata, 2022: 165-167) e seguindo as tendências de um mundo e de um governo centralizado, logo, sujeito a uma religião oficial bastante marcada, ela não se libertará da herança grega e das narrativas mitológicas em torno das divindades.

Encontraremos, no Período Imperial Romano, grandes mitógrafos, a exemplo de Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.), sendo duas das suas obras as que mais seguiremos nesta tese: *Fastos* e *Metamorfoses*, que acabou por funcionar como um "manual" de mitologia por excelência. Séculos mais tarde, as suas traduções continuarão a influenciar toda a cultura ocidental, e influenciarão todas as artes.

Mas bastará também ler Horácio (65 a.C. - 8 a.C.) ou as tragédias de Séneca (ca. 4 a.C. - 65), amplamente revalorizadas no século XX (Séneca. *Tragédias* ed. 2022: 16), entre tantos, para percecionar como a mitologia era tudo menos ausente na sociedade romana, onde o teatro desempenhava um papel crucial[5].

[5] Em Época Romana representava-se normalmente a *tragoedia* e a *comoedia*, se bem que a *pantomima* (mímica e dança) o *mimus* , géneros populares tivessem sido muito apreciadas na Época Imperial. As representações cénicas romanas combinavam dança, canto e música.

Autores de comédias como Plauto (255 - 250 a.C. ? – 184 a.C./180 a.C. ?), ainda em Época Republicana, tinham convivido com a mitologia, pese Plauto ter sido acusado de satirizar os deuses. Mas bastará conhecer algumas das suas obras como a tragicomédia *Anfitrião* (194 a. C.), que relata a paixão de Júpiter por uma das suas conquistas amorosas, Alcmena, ou *Persa* (197 a. C.), onde quase ausente, a Mitologia praticamente só surge salpicando a obra com ironia. Logo no Ato I se compara as dificuldades do amor com os Trabalhos de Hércules e, na Cena III, apela-se a Júpiter "ilustre filho da Abundância" e se menciona os deuses propícios.

Em *Anfitrião* o enredo desenvolve-se em torno de um episódio mítico (o nascimento de Hércules).

O sincretismo é, sem dúvida, uma das características da religião romana, que se identifica através da assimilação de múltiplas divindades de diversas origens: latinos, etruscos, gregos e cultos orientais. Logo não se isentará das múltiplas narrativas mitológicas em torno das suas divindades.

Lembremos que a topografia religiosa era fundamental para os Gregos. Assim, quando muitas das divindades helénicas são incorporadas no panteão romano, há aspectos que, obviamente, se perdem, no que respeita aos rituais e aos locais de sacralidade que, muitas vezes, são refundados.

E, claro, em Ovídio (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.), quer no *Fastos*, quer nas *Metamorfoses*, a Mitologia regressa no seu esplendor. As *Metamorfoses* são um extraordinário repositório de mitos helénicos em época augustana, que influenciou decisivamente a arte e a literatura europeia. Corresponde a um período que, pese as inúmeras discussões teóricas, se assiste ao reaparecimento dos grandes mitógrafos, sendo deuses e heróis um tema de eleição e de estudo. As suas *Heróides*, com a presença de figuras mitológicas, como de Penélope, Fedra, Dido, Medeia e Ariadne ou Hipermnestra refletem esse interesse pela herança helenística, tão presente na Roma imperial.

Uma das outras características que a sociedade romana vai acentuando é a superstição, a que não nos poderemos prender muito neste contexto, e a grande penetração da magia, tanto mais que havia uma clara diferenciação entre as esferas de atuação das atividades religiosas e a da feitiçaria e da magia (Júnior, 2011: 6).

As divindades e, particularmente, as narrativas mitológicas não têm grande presença nessas manifestações de crença/"crendice", embora

algumas delas a impregnem, como valor apotropaico, a exemplo da Medusa (Barata, 2017: 10-11).

Apuleio, no *Asno de Ouro* dá-nos a dimensão da complexidade de relação entre a magia e a religião, fazendo presentes divindades de várias origens que contribuam para que o Asno retome a sua dimensão humana.

Plutarco (c. 45-50 d.C. 120 d.C.), que tentara situar-se como historiador, n' as *Vidas Paralelas*, afirma: "1.2 Ora também eu, que, para redigir as *Vidas Paralelas*, passei em revista a extensão de tempo passível de um relato verosímil e suscetível de uma investigação que se atenha a factos, bem poderia afirmar das eras que a precedem: daí para trás fica o domínio dos prodígios e da matéria própria dos trágicos; ocupam-no os poetas e mitógrafos e não há lugar para credibilidade ou certeza".

A *Biblioteca* de Apolodoro, datada do século I da nossa era e compilada entre os séculos I e II d.C, é um trabalho fundamental, funcionando como uma espécie de catálogo ou compêndio, em forma de genealogias. Um pouco à forma de Hesíodo, inicia-se como uma espécie de *Teogonia*. Apolodoro situa-se entre os inúmeros autores que escreveram obras em língua grega durante o Império Romano, sendo a obra considerada como a mais completa catalogação de mitos gregos que chegou até nós, dada quantidade de relatos míticos registrados até aí. É uma das principais fontes latinas para o estudo da mitologia clássica (Lages, 2020: 179-198), a par das *Fábulas* do autor provavelmente de origem hispana, Higino (64 a. C. - 17 d.), uma das importantes fontes latinas, onde se coligem centenas de mitos, a partir de fontes gregas e que serrão fundamentais para o seu conhecimento, na Idade Média.

Já em Luciano Samosata (125 -190 d. C.), cuja vida literária se desenvolve na segunda metade do séc. II d.C., correspondendo o apogeu da atividade literária aos anos compreendidos 161 e 180, durante o reinado de Marco Aurélio, encontra-se uma dura crítica à mitologia, às velhas e novas crendices, à moralidade de deuses e homens. (Mangueiro: 17, 19-20). Nele encontraremos, através da sátira, uma forma de combater a crendice e a superstição que grassava em Roma no seu tempo.

Em *Luciano* [V]. "Como se deve escrever a História", assume mesmo que os mitos não pertencem ao mundo dos textos de História. São suas estas palavras, em *Luciano* [VI] "*O âmbar ou os cisnes*". " e fiquei mudo de vergonha pelo facto de ter feito uma autêntica figura de menino, ao acreditar nos poetas que contam mentiras tão incríveis, que já nada de sensato lhes basta".

Mais tarde, já no século IV, Salústio, um neoplatónico, amigo do Imperador Juliano, o Apóstata, que tentou restaurar as antigas práticas religiosas romanas, entrando em conflito com o cristianismo crescente, tentará na sua obra o *Sobre os Deuses e o Mundo,* retomar a importância dos Mitos, partilhando da ideia de que o mito é uma alegoria. Seguindo ainda Salústio, "Assim sendo, é digno que investiguemos por que os antigos deixaram de lado esses ensinamentos e fizeram uso dos mitos. E um primeiro benefício oriundo dos mitos é justamente a investigação e o fato de não mantermos nossa intelecção inerte. Por certo, é possível dizer que os mitos são divinos graças àqueles que os utilizaram: de fato, dentre os poetas, aqueles inspirados pelos deuses; dentre os filósofos, os melhores, os quais transmitiram os rituais iniciáticos; e os próprios Deuses fizeram uso de mitos em seus oráculos." (Salústio, *Sobre os Deuses e o Mundo.* III.1).

Teodósio I (379-395) acabará por declarar o cristianismo a única religião do Império e iniciar o combate ao paganismo, passando os velhos cultos à clandestinidade, embora, obviamente tardem a desaparecer por completo. Justiniano (c. 482 - 565) acaba, no século VI, por perseguir os últimos resistentes do paganismo.

Lembremos, contudo, todas as tentativas de conservação da "Cultura Clássica", designadamente a grandiosa obra de Macróbio que, sentindo já o universo cultural que ainda conhecera ameaçado, dedica ao filho uma obra que possa funcionar como uma espécie de compêndio. Macróbio, tanto nas *Saturnais,* como no *Comentario,* expressa a sua vinculação ao paganismo tradicional.

Estas obras dos mitógrafos tardo-antigos, a exemplo de Fulgêncio, autor de umas Mitologias que propõem significados novos para certas divindades acabaram por ser responsáveis pela sua sobrevivência.

De referir que as suas *Mitologias* circularão durante a Idade Média, até serem suplantadas por obras como a *Genealogia deorum gentilium*, impressa pela primeira vez em Veneza, em 1497 que cita Fulgêncio várias vezes. As *Mitologias* de Fulgêncio chegarão ao período das edições impressas e terão edições regulares nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII.

Considera-se que com a obra *Genealogia deorum gentilium - Genealogia dos deuses pagãos* se inicia "a ciência mitográfica moderna" (Garcia Moreno, 2016: 9).

A partir do século XV, assistimos ao crescente interesse, no que se refere à Antiguidade, de reconstituir o seu património e redescobrir suas "obras-

primas", designadamente a escultura grega e romana, tendo contribuído também como base para a reflexão sobre o discurso plástico que se desenvolvia a partir dessa centúria.

Sabe-se que os Humanistas conheciam os repositórios da mitologia grega e, em 1556, o editor das *Metamorfoses* de Ovídio, "enumerava a lista dos que ele considerava os 'bons mitógrafos' Ovídio, Higino, Fornuto, Filóstrato, Plancíades, Paléfato, Boccaccio e vários outros (Pena, 2010: 19).

Entre o Renascimento e o século XIX, a história da arte ocidental - das artes plásticas à música, do bailado ao teatro - é fértil na representação de narrativas extraídas da mitologia clássica. O século XVIII assiste ao grande interesse pelas tragédias gregas, bem como ao incremento pelo interesse da cultura material, designadamente, pelas cerâmicas produzidas por cidades gregas, transformando-os em objetos de arte. Esse interesse estendeu-se às imagens presentes em moedas, mosaicos e pinturas parietais, surgindo vários *corpora* que lhes são dedicados (Silva; Sarian; Cerqueira, 2020: 142). Contudo, a maioria desses registos tinham como base objectos descontextualizados, até dado o crescente fenómeno de colecionismo que se vai incrementando a partir dessa altura.

No entanto, é notória a importância que a Mitologia vai assumindo entre os temas representados, designadamente os eróticos, sejam cenas de raptos mitológicos ou de mulheres seduzidas por divindades, tema que será comum entre o Renascimento e o Período Barroco, como o caso de Leda e o Cisne, bem como o Rapto da Europa ou a sedução de Antíope ou de Dánae.

Apenas, a título de exemplo, menciono o mito de Leda e o Cisne que, já no século XVI, havia tido grande êxito, quer em pintura, quer em gravuras, de que lembramos o estudo o estudo de Leonardo da Vinci (1505-1507), um caso raro de tema mitológico na sua obra; e que contagiará pintores como Miguel Ângelo; Correggio (1489-1534), Tintoretto que retoma o mesmo mito, numa pintura datada, aproximadamente, de 1550, bem como as várias versões de Rubens (1601 e 1602) e a de François Boucher (1703–1770), datada de cerca de 1740.

Esse fenómeno de reprodução dos mitos prende-se, numa primeira fase, com a obra de Boccacio, *Genealogia dos Deuses* e a influência que teve a publicação d' *As Metamorfoses* de Ovídio.

Em Portugal, embora de fase posterior, veremos vários exemplos da representação deste mito e de muitíssimos outros, em diversos suportes

desde gravuras, pinturas bem como exemplares escultóricos (Barata, 2021: 18).

Assim, terminaremos como começámos. Para que serve a Mitologia? E única resposta que conseguimos dar é que ela nos narra e interroga, tornando, por uma lado, mais complexo o nosso olhar e mas mais abrangente a forma de estar no mundo. Além disso, transporta-nos a um mundo sem tempo.

Bibliografia

ALMEIDA, João Paulo Barros Alves Rodrigues de. *O divino nos Sofistas e em Eurípides*. Tese de Doutoramento na área de Estudos Clássicos, ramo de Poética e Hermenêutica, orientada pela Prof. Doutora Maria do Céu G. Z. Fialho e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2015.

ANTUNES, Manuel. *Teoria da Cultura*. Edições Colibri. Lisboa. 1999.

ANTUNES Pe. Manuel. Theoria. Cultura e Civilização. *Obra Completa Padre Manuel Antunes*. Fundação Calouste Gulbenkian. 2011.

ARISTÓFANES. *As Aves*. Tradução, prefácio e notas de A. Lobo Vilela. Editorial Inquérito. 2ª edição.

BARATA, Filomena *Glossário de termos para a arqueologia. (M a Z)* – Sacerdotes. Lema d'Origem. 2022

BARATA, Filomena. Aprender mitologia nos museus, palácios e jardins, *Ensino de História Antiga*. pp.16-79. 2021.

BARBA, Miguel Ángel Elvira. *Arte y Mito - Manual de iconografía clássica*. Sílex® ediciones S.L Madrid. 2008.

BARBIERI, Pedro. Os Mitos imitam os próprios deuses. Projeto alegórico e apropriações mitológicas em Sobre os deuses e o mundo, de Salústio. *Boletim De Estudos Clássicos*, (64). 2019. pp. 55-81.

BARROS. Gilda Naécia Maciel de. Platão: Mito e Paideia. FEUSP Notandum Libro 10 CEMOrOC-Feusp / IJI-Universidade do Porto. 2008.

BERNABÉ, Alberto. *Dioses, Héroes y orígenes del mundo.* Lecturas de Mitologia Abada Editores. S.L. Madrid. 2008.

BURKET, Walter. *Religión griega arcaica y clássica*. Abada Editores. S.l. Madrid. 2007.

BREMMER, Jan N. Myth, Mythology, and Mythography. In BOYS-STONE, George; GRAZIOSI, Barbara; VASUNIA, Phiroze. The Oxford Handbook of Hellenic Studies. Oxford University Press. 2009.

CABECEIRAS, Manuel Rolph. As Metamorphoses de Ovídio, a Arte Poética na Roma Antiga e os Padrões Épicos. *Revista eletrônica Antiguidade Clássica*. 2008. pp. 70-90.

CABECEIRAS, Manuel Rolph. Conflito de bordados. A restauração augustana e o mito de Aracne na poesia de Ovídio. *Politeia*: História e Sociedade. 2007.

CARREIRA, Paula Cristina Ferreira da Costa. *As Argonáuticas de Apolónio de Rodes.* A arquitectura de um poema helenístico. Mestrado em Estudos Clássicos. Literatura Grega. Faculdade de Letras de Lisboa. Departamento de Estudos Clássicos. 2007.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Retomando a Arqueologia da Imagem: entre iconografia clássica e cultura material. *Revista Brasileira de História*. vol. 40, nº 84. 2020.

CÍCERO. *Da Natureza dos deuses*. Introdução, tradução e notas de Pedro Braga Falcão. Veja. Lisboa. 2004.

COSTA, Lilian Nunes. *Mesclas genéricas na "Tragicomédia Anfitrião de Plauto. Tradução da comédia Anfitrião de Plauto*. Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Linguística. Campinas. 2010. Disponível em:https://www.academia.edu/18373573/Traducao_da_comedia_Anfitriao_de_Plauto

CRAVINHO, Graça. Atributos de Divindades, Alegorias e Personificações em gemas romanas de Portugal. *Divinidades femeninas:* Alegorías y símbolos sagrados en gemas romanas. Sabino PEREA YÉBENES (editor). Madrid – Salamanca. 2023.

DIODORO DE SICÍLIA. *Biblioteca Histórica*. Libros IV-VIII. Traducción y Notas de Juan José Torres. Esbarranch & Editorial Gredos. 2004. Disponível em: https://archive.org/details/diodoro-de-sicilia.-biblioteca-historica-libros-iv-viii-g-2004

DURAND, Gilbert. *Campos do Imaginário. Instituto* Piaget. Lisboa.1998.

EURÍPIDES*, As Bacantes*, s/d Tradução, Prefácio e notas de Fernando Melro. Clássicos Inquérito. 1998.

FIALHO, Maria do Céu. *Novas tendências narrativas nas Argonáuticas de Apolónio de Rodes*, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Universidade de Coimbra. 2005.

FIDLER, Frederico. *Sobre os deuses e o mundo por Salústio Filósofo.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre. Tese de Mestrado. Porto Alegre. 2023.

FONSECA JUNIOR, A. de O. Boccaccio e a inclinação poética: Genealogie *deorum gentilium* 15.10. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Edição especial, 2022, p. 87-102* Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/38409. Acesso em: 5 jul. 2023.Grecia e di Roma.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. *História Antiga:* Relações Interdisciplinares. Fontes, Artes, Filosofia, Política, Religião e Receção. Carmen Soares, José Luís Brandão & Pedro C. Carvalho (coords.). História Antiga: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2023.

GARCIA MORENO, Julia. Introducción. *Biblioteca* de Apolodoro.

GONÇALVES, Luís Jorge Gonçalves. Contar história é preciso. *Revista Alter*. Vol. I. pp. 13-18. 2016.

GRIMAL, P. Introdução. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Coord. ed. portug. de V. Jabouille, Algés.1993.

JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa. *Magae Romae*: As feiticeiras na literatura latina. *PhaoS*. 2011

HEISE, Pedro Falleiros. O Proêmio da Genealogia *Deorum Gentilium* de Giovani Boccaccio. Anu. Lit., Florianópolis, v. 19, n. 2, Universidade Federal de São Paulo. 2014.

LAGES, Luciene. Percursos mitográficos em busca de fontes para uma Biblioteca. In: BARACATJR., J. C., and SILVA, M. A. O., eds. A Escrita grega no Império Romano: recepção e transmissão [online]. Editora da UFRGS Porto Alegre. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.7476/9786557251218.0010.

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Luciano* [IX] - Imprensa da Universidade de Coimbra. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2013.

MELO, João Victor Leite. (2019) *Tradução poética de Íbis, Nux e Haliêutica:* três poemas de uma suposta quarta fase ovidiana. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora).

MOREIRA, Andreza Sara Caetano de Avelar (2014) Sociedade e Mito na Tragédia Grega. *Alétheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo* – Volume 9, n. 1. p 20.

PANTEL, Pauline Schmitt. *Uma história pessoal.* Os Mitos Gregos. Tradução, Introdução à Edição Portuguesa e Notas Nuno Simões Rodrigues. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

PENA, Abel N. Mitografia. Um género literário helenístico? in *Géneros Literários. Continuidades e rupturas da Antiguidade aos nossos dias*. Centro de Estudos Clássicos. Faculdade de Letras de Lisboa. 2010.

PEREIRA, Maria Helena Rocha. *Enigmas em volta do mito*. Estudos sobre a Grécia Antiga. Artigos. Fundação Calouste Gulbenkian/ Imprensa da Universidade de Coimbra. 2014.

PEREIRA, Maria Helena Rocha. O Mito na Antiguidade Clássica in *Estudos sobre a Grécia Antiga*. Fundação Calouste Gulbenkian. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2014.

PEREIRA, Juliana Avila e WEISS, Jussemar. A Tragédia Grega Troianas e as mulheres que a envolvem: reflexões sobre Cassandra, Hécuba e Helena. *Mythos*. Ano V, Número II, Imperatriz – MA. 2021.

PLATÃO. *Diálogos* III *Fedón, Banquete, Fedro*. Traducciones, Introducciones y notas por C. García Gual, M. Martínez Hernández e Lledó Inigo. Editorial Gredos, S. A Ed. 1986.

PLATÃO. (*Górgias* 523a). Versão eletrônica do diálogo platônico "Górgias". Tradução: Carlos Alberto Nunes Disponível em: Homepage do grupo: http://br.egroups.com/group/acropo

PLATÃO. *República*. Introdução, Tradução e Notas Maria Helena Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbenkian. 15ª edição.

PLAUTO. *Persa*. Introdução, tradução do latim, notas e sugestões para encenação Maria Isabel Rebelo Gonçalves. Verbo, 1999.

SALÚSTIO. *Sobre Os Deuses e o Cosmos*. Tradução por Nogueira Sousa. https://www.scribd.com/document/289281209/Sobre-Os-Deuses-e-o-Cosmos-Salustio

SANTOS, Ana Cláudia Ramalho dos (2008) *Giambattista Vico: Poesia e Ciência Nova*. Mestrado em Teoria da Literatura. Universidade de Lisboa.

SEMEÃO, Viriato. A Genealogia dos Deuses. Comparando Hesíodo com Apolodoro. *Boletim de Estudos Clássicos* — 42. 2004. pp. 57-84

SÉNECA. *Tragédias*.Vol 2. Tradução, Introdução e Notas Ricardo Duarte. Edições 70. 2022.

TEIXEIRA, Cláudia. Estrutura, personagens e enganos: introdução à

leitura de As Báquides de Plauto. Coimbra – São Paulo. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2016.

TEIXEIRA, Cláudia. *As duas Báquidas*. Faculdade e Letras da Universidade de Coimbra – Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2006.

TORRANO, Jaa. *Teogonia – a origem dos deuses – Hesíodo*. Estudo e tradução Jaa Torrano. 3. Iluminuras. ed. São Paulo. 1995.

VÉRAS, Andréa Karine de Araújo. *A Noção de Dikaiosyne: Análise do Mito do anel de Giges em* Natal. Platão, 2018.